



O Rei Miséria

Caro leitor, eu não gosto,
De escrever historia séria
Porque as pessoas boas
Apreciam mais pilhéria.
Sou obrigado a escrever
A vida do Rei Miséria.

Acabando esse trabalho
Se acaso sahir bem feito,
Que qualquer leitor que leia
Fique amplo e satisfeito,
Tratarei dos filhos d'elle
Vou ver se a cousa tem geito.

Um homem corria o mundo...
Depois de ter percorrido
As cinco partes do mundo,
Em trajes de foragido,
Deu com uma habitação
Que ficou surprehendido.

Chegando numa montanha
Lá viu uma habitação,
Uma côrte muito velha
Coberta só por mellão.
Tinha um velho muito triste
Escorado num bastão.

O velho mettia medo
De longe até se espiar,
Só a presença do velho
Fazia a chuva parar,
Nem alma do outro mundo
Fazia tanto assombrar.

Magro que só urubú,
Muito mais feio que o perigo.
O couro era um casco secco
De quem veio por castigo,
Sujo que só monturo,
Pobre como um mendigo.

A casa muito de perto
Representava um vulcão,
Um gabinete que havia
Parecia uma prisão,
Ou cemiterio de engenho
Quando havia escravidão.

Tinha um salão separado
De onde sahia fumaça

E granito de carvão
Que tomava toda a praça,
Aonde havia uma velha
Feia que só a desgraça.

Tinha tão finas canellas
Que só as de um sabiá,
Cobertas de couro preto
A forma de um jundiá,
As unhas dos pés da velha
Era ver cara-cará.

A lingua estreita e comprida
Como a de um papagaio,
Para o logar que ella olhava
Via-se indício de um raio,
Se balançando e descendo,
Me peguem senão eu caio.

A velha olhou-o e sorriu
Botando as presas de fóra,
Fechou e abriu outra vez...
Disse o homem—vou-me embora,
Esta velha é a desgraça
Nasceu por aqui ou mora.

Perguntou o homem ao velho
Com physionomia séria :
Que morada é esta aqui ?
E' habitação funerea ?

Responzelle

Disse o velho: é uma côrte,
E eu sou o rei Miseria.

Esta velha que estás vendo
Feia e magra, é mulher rainha,
Aquella cêpo é um throno,
A velha é uma rainha,
E' aquella quem despacha
Papeis da sorte mesquinha.

E tudo obedece á ella,
Se humilha quando aqui passa,
O que ella manda fazer
Não ha mesmo quem não faça,
Aquella tem toda força,
E' a rainha Desgraça.

Aquella, todos que a vêem,
Correm della, dão-lhe figa,
Aquella é quem tem a chave
Que abre as portas da briga,
Aquella planta barulho,
Nasce crime, odio e intriga.

Então disse o rei Miseria:
—Eu quero saber tambem
O senhor aonde mora,
A que negocio é que vem,
Se tem nome ou appellido,
Se é mandado por alguém.

— 5 —

Eu me chamo Sabatani,
Venho do mundo da lua,
Nasci dentro de um fogão,
Criei-me no meio da rua,
Não poderás censurar-me
Minha vida é como a tua.

Vou por aqui sem destino,
Não foi ninguem que mandou,
O infortunio assim quiz,
A sorte me autorizou,
São ordens que ella me dá,
Onde ella mandar eu vou.

Já vi todos os phenomenos,
Do mundo, da humanidade,
Agora falta-me ver,
A velha Felicidade,
A miseria vi agora,
Sua Real Magestade.

O velho então lhe disse:
Se acaso não quer sair,
Eu ordeno ao meu vassallo
Que dê-lhe aonde dormir,
Querendo espere um pouquinho,
Deixe o pesadello vir.

Amanhã vou com você...
O homem ahi suspirou

E a rainha Desgraça,
Disse a elle : eu tambem vou.
Disse o homem : condemnada,
Vai morder quem te gerou !

Disse a elle o rei Miséria :
— Sae agora porque quer,
Querendo póde ficar
Commigo e minha mulher,
O tratarei como filho,
Dou-lhe tudo que quizer.

Disse o homem : meu amigo,
Eu lhe estou muito obrigado,
Da miséria corro eu,
Ando aqui expatriado,
Da desgraça Deus me livre,
Fique-se lá derrotado.



O adeus da aguardente

Adeus Aurora
Sonho meu dourado,
Hymno divino
Que a sonhar cantei,
Barril gentil
De aguardente rente,

Planta que encanta
Por quem louco andei.

Quando enf' manhãs
Radiaes louças,
Vias e ouvias
Meu fatal capricho.
Fallar, chamar,
Venha cá, caixeiro,
Ande ligeiro,
Vou matar o bicho.

Eu por ti, louco,
Me vexava um pouco,
Dizia e havia
Mandrião rapaz.
Veja serveja,
Aguardente quente,
Espere, quero
Esse copo e mais.

Alli bebia !
Satisfeito ia
Fallar, cantar,
Na taverna ainda,
Beber, dizer :
Erga os pés seu Zé,
Bote, encha o pote,
Que a aguardente é linda !

Mimosa gloria,
Magestosa historia,
Passa e repassa
Qual veloz falúa;
Sinto e presinto
Que a mente sente,
Veze e mezes
Que cabi na rua.

Dias passados
Sonhos meus dourados,
Vida florida
Flor que nasce e morre,
Momentos lentos,
Que passei e gozei;
Calçada amada
Em que eu curtia o porre.

Já desprezei-te...
De uma vez, deixei-te,
Mesmo em um ermo
Degredado, emfim
Chamo e reclamo,
Tenho saudade á tarde,
Ponho e imponho
Tua imagem em mim.



O Reino da Pedra Fina

(Continuação)

Então perguntava elle:
Quem es tú? linda menina!
Humana sei que não és,
Serás miragem divina?
Respondeu sou a priceza
Do Reino da Pedra Fina.

Entra para a mesma sala,
Onde estiveste outro dia.
Elle passou todas as salas
Que dentro da casa havia,
Adiante deu n'um salão
E a mesma voz lhe dizia:

—Te aproxima d'esta mesa
E faz uma refeição,
Tinha muita iguarias
De fructas, vinhos e pão,
Vi a sombra de um copeiro
A' sua disposição.

Disse-lhe a vóz invisivel:
Nada podes perguntar,
Como tambem eu a ti,
Não posso nada explicar,
Tua fortuna está perto,
Não custa muito chegar.

Pegue a pedra que o rei pede-lhe
Dê a elle e vá embora,
Está um onagro monte n'elle
Que o ha de botar lá fóra,
Lá peça licença ao rei,
Volte, não tenha demora.

Voltou elle com a pedra
Deu a Sua Magestade
Lhe disse—eu quero licença
Para deixar a cidade,
Estou prompto para servil-o
Em qualquer necessidade.

E sahiu sem ter demora
Foi ter na casa das fadas,
Não achou ellas em casa,
Entrou roubou as espadas,
As quaes, a fada lhe disse,
Ser tres manas encantadas.

Assim que elle fez o roubo,
Sahiu dalli escondido,
Correu a noite e o dia,
Foi das fadas perseguido.
Então deu com o Lião
Que tinha achado ferido.

O Lião sahiu com elle
Para ninguem offendel-o,

Uma fada vinha atraz
Passou e não ponde vel-o,
Devido ao Lião deitar-se
Encobrando-o com o seu pello.

No pé do monte encantado
Ahi o Lião parou,
E pela cerca de pedras
Elle com pressa passou.
Uma fada vinha atraz
Viu elle entrar e voltou.

Quando elle avistou o rio,
As tres espadas tiniram,
Rufou tambor na montanha,
Muitos foguetes subiram,
O rio parou as aguas,
Todas as pedras sorriram.

Ahi chegaram tres moças
Que inda vinham encantadas,
Elle ahi viu claramente
Dessas tres recém-chegadas,
Uma sombra que sahiu
Desmanchou as tres espadas!

Quando as espadas sumiram-se
Tres moças se apresentaram,
Todas tres com cortezia
A elle cumprimentaram,

Dizendo — nestas espadas
Tres fadas nos encantaram.

Então, disseram as tres moças,
Nós estamos desencantadas,
Porque os nossos mysterios
Estavam nas tres espadas,
Que ha mais de quatro mil annos
Estavam em poder das fadas.

As fadas tambem levaram
Daqui, o sceptro real,
A corôa de meu pai,
Tambem levaram, afinal,
Se apparecer desencanta-se
Cessa d'aqui todo o mal.

Mas isto está tão occulto
Que ninguem pode encontrar,
As fadas esconderam elles
Para ninguem mais achar,
Moysaniel disse— eu vou
Fazer geito de encontrar.

Sahiu, adiante encontrou
Atribulação de um rato
Que já estava quasi morto
Nas presas de um grande gato,
Elle tomou o ratinho,
E soltou elle no mato.

O rato então disse a elle :
—Se precisares de mim,
Chega no pé desse monte
E basta dizer assim :
—Ai! de mim, rato das neves;
Serás servido por fim !

Adiante estava um tatú
Entre tres pedras morrendo,
Elle tirou as tres pedras
Que o peso estava fazendo,
Disse a elle—vá embora !
O tatú sahiu correndo.

Adiante o tatú parou
E disse: se inda se vir
Em qualquer attribuição,
Vendo que o posso acudir,
Chame por mim neste campo
Que não tardarei a vir.

Depois achou um carneiro
Dentro do mar se afogando
Entrou n'agua tirou elle,
E disse—fique pastando.
Eu tambem sou como tú
Ando no mundo vagando.

Então o carneiro lhe disse :
Se algum dia precisar

De mim para qualquer coisa,
Pode vir que ha de me achar
Eu moro aqui nesse campo
Querendo me pode chamar.

Estava Moysaniel
Perto de uma encruzilhada,
Observou a conversa
De um genio com uma fada,
A fada contou ao genio
Tudo da serra encantada.

Disse que o sceptro e corôa,
Estavam em logar reservado
Porem estavam n'uma cova
Num quarto muito trancado,
Não havia quem tirasse,
Que era muito vigiado.

A cova dos objectos
Tinha uma enorme fundura,
E as paredes do quarto
Tinha um metro de grossura.
E lá tinha um cão de fila
Sentinella bem segura.

Tinha uma cobra de bronze
Que ajudava á pôr sentido
E qualquer que fosse lá
Era por ella engolido.

O cão entre os animaes
Era sempre o mais temido.

Moysaniel ouviu tudo
Que a fada ao genio dizia
Disse:—eu hei de me arriscar
Até descobrir um dia,
Lembrou-se ahi das promessas
Que o rato lhe fazia.

Foi ao rato e ao tatú
Contou o que era passado,
Foi aonde estava o leão
Disse a elle—eu estou vexado,
Então o leão lhe disse:
Tem ás ordens um creado.

Então os tres combinaram
O tatú, o rato, o leão,
Disse o rato—eu puxo o sceptro;
O tatú—eu cavo o chão;
O leão disse—e eu acabo
Com a serpente e o cão.

Botaram-se para lá:
O leão, logo investiu;
O carneiro foi á porta
Com uma marrada abriu,
O leão matou o cachorro,
E a serpente fugiu.

7060

O tatú minou a cova
O sceptro, o rato puxou
A corôa que estava junto
O tatù a arrastou,
Então de dentro uma voz
Lhe disse—desencantou !

começa a sua menção
A ~~N' Os filhos do Rei Miseric~~
Conclui a historia, Hudson Id

O combate que elle teve
Para alcançar a victoria,
Como elle casou com ella
Por causa de uma memoria.

Conclusão n' Os filhos do rei miseria.



0 512

© autor reserva o direito de pro-
priedade

LCB